



Nó na garganta: histórias que não foram publicadas nos jornais

Leiriane CORRÊA

Paloma MINKE

Thiago OLIVEIRA

Thiago SILVA

Verônica RODRIGUES

Orientação

Rodolfo MARTINO

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP

RESUMO

Nó na garganta. Sensação que nos faz buscar o ar, com o intuito de ganhar forças para superar um estado de incômodo. Neste livro, 22 jornalistas de diversas áreas relembram estes momentos em que, mais do que profissionais, são seres humanos: sofrem, se emocionam e, principalmente, nunca mais são os mesmos.

PALAVRAS-CHAVE: jornalistas; depoimentos; jornalismo; profissão; história.

INTRODUÇÃO

Pouco é tratado sobre os bastidores do jornalismo. O produto final, a notícia, ganha toda a notoriedade, mas o processo de produção e, principalmente, os que contam a história, os jornalistas, ficam de fora. No entanto, a vivência de quem presencia um fato, participa de uma situação e a relata fielmente ao público, são essenciais para que o bom jornalismo chegue até a sociedade. Esse pensamento norteou a pesquisa e a execução deste livro reportagem, intitulado “Nó na garganta”.

Em poucas palavras, traduz justamente aquele momento em que mais do que profissional, o jornalista é ser humano, sofre, se emociona, se alegra e principalmente: nunca mais é o mesmo.

Este memorial registra o processo de produção do livro, desde a escolha do tema e entrevista com as personagens até a organização das histórias, que de alguma forma estão interligadas, por representar um momento difícil ou inesquecível na carreira das personagens. Por vezes, as experiências profissionais se misturam com as pessoais. Para



demonstrar a variedade de perfis, os entrevistados escolhidos exercem funções em diversas áreas do jornalismo, portanto possuem histórias que diferem umas das outras, ao mesmo tempo em que se assemelham ao tratar de um momento especial de suas vidas.

A escolha das histórias que tratam de um único momento do jornalista tornou-se difícil, baseada na quantidade de ricas realizações da trajetória dos 24 entrevistados. Cada um dos fatos relatados é o resultado da aprendizagem de diversos e isolados eventos, e mostra mais do que a área profissional do jornalista: suas opiniões, sentimentos e angústias.

Nem todas as histórias foram contadas com orgulho, muitas revelaram momentos de humilhação e fracasso. O que não torna menos valiosa a história de cada um, pelo contrário, revela que o jornalista sofre quedas, mas tem a coragem de admitir erros e de seguir em frente. Essas experiências servem de aprendizado não só profissionalmente, mas também para a vida.

Além de discorrer sobre a escolha do tema, fontes e as entrevistas, o documento mostra como as declarações dos entrevistados surpreenderam, não somente aos componentes do grupo, mas também aos próprios protagonistas, que revelaram fatos que estavam escondidos na memória. O livro abre espaço para discussões mais aprofundadas sobre o comportamento deste profissional, as pressões, a qualidade de vida do jornalista, a ética, os riscos e privilégios da profissão etc. É possível, por meio dos depoimentos, identificar como a profissão é hoje e para que rumo caminha.

Tais experiências auxiliam no entendimento de que o jornalismo é mais do que uma profissão, é um estilo de viver que interfere de maneira inequívoca em diversas áreas da vida do jornalista. Os depoimentos revelam os bastidores das notícias, estes tão pouco conhecidos do grande público.

2 OBJETIVO

A produção desse livro teve como objetivo oferecer informações, por meio da experiência de outros jornalistas, sobre as adversidades e conflitos que esta profissão causa para quem a exerce. Levar jovens estudantes, que pretendem trilhar esse caminho, ou até mesmo os veteranos na área, a refletir não só sobre o duro cotidiano do jornalista, mas a perceber alguns enfrentamentos, inclusive éticos, que são inerentes à profissão e que podem, de certa forma, interferir nos cursos de suas vidas. As inúmeras notícias que chegam às mãos destes profissionais são passageiras, mas podem deixar marcas



profundas. Aceitar ou não esses embates contra outros e principalmente, contra si mesmo, é uma decisão apenas deste leitor: de ser ou não jornalista. Uma escolha pessoal e intransferível.

3 JUSTIFICATIVA

Já dizia Hamilton Almeida Filho, no prefácio do livro *Furacão Elis*, de Regina Echeverria :

“O espelho do jornalista é o papel em branco no rolo da máquina de escrever, à espera de uma história para contar. Por isso, hoje eu sei que nossa tragédia é sempre do mesmo tamanho da nossa aventura. Fazemos parte da cena, e o repórter não é apenas um veículo. Por dentro dele – cabeça, tronco e membros – passa o testemunho de todo o santo dia, da sua época. Das tripas coração. O ato de escrever, quando feito com amor, dilacera a alma e o coração, nos embrulha o estômago. Nos enche de medo, nos toma de assalto e não nos deixa parar, como num mergulho, até o ponto final.” (FILHO apud ECHEVERRIA, 1994)

Este livro-reportagem começa como esse papel em branco, agora não mais colocado em uma máquina de escrever, mas na tela de um computador, à espera de uma nova história. Não dos acontecimentos importantes do dia-a-dia da sociedade, mas os contos daqueles que reproduzem as tragédias e fatos que interessam à sociedade.

Para Rui Barbosa, a imprensa é a vista de uma nação. Por ela é que a nação acompanha o que lhe passa ao perto e ao longe, enxerga o que lhe malfazem, devassa o que lhe ocultam e tramam, colhe o que lhe sonegam, ou roubam, percebem onde lhe alvejam, ou nodoam, medem o que lhe cerceiam, vela pelo que lhe interessa, e se acautela do que a ameaça. Porém, o que está por trás do olhar do jornalista? A forma, as condições, os entraves, os riscos, as emoções com que este profissional encara estas trágicas aventuras e enfrenta o duro dia-a-dia da profissão, não são publicadas nas matérias.

Jornalista não é super-herói, capaz de salvar a humanidade, saindo ileso de grandes batalhas. É feito de cabeça, tronco e membros, como qualquer outro ser humano. É cidadão, respeita as leis de um País, é chefe de família, que tem um trabalho e uma vida particular, sentimentos inflamados, motivações únicas, com princípios e opiniões próprias.

É esse ser humano, que ao assumir o papel de repórter, passa a fazer parte de uma cena que já não é somente sua.

No entanto, mesmo diante destas condições, a profissão exige dele que seja imparcial, apenas um veículo de transmissão, não podendo deixar transparecer em suas



matérias as suas emoções e opiniões. Cláudio Abramo pensa que, repórter é aquele que conta a terceiros de uma maneira inteligível o que acabou de ouvir ou presenciar¹. Ou seja, o jornalista não pode colocar as suas próprias convicções em um texto, quanto mais publicar as suas insatisfações quanto ao trabalho, as brigas com seu editor, os seus reais pensamentos e sentimentos sobre uma fonte, a sensação ao ver algo que lhe embrulhou o estômago, dilemas que colocaram os seus princípios éticos em cheque, os medos antes de apurar um caso ou o próprio fracasso. São estas situações retratadas neste livro-reportagem: o “Nó na garganta” – sensação que faz buscar o ar, com o intuito de ganhar forças para superar um estado de incômodo. Pretendemos, neste trabalho, capturar estes momentos dos jornalistas, os que trouxeram maiores impactos, em que eles se perguntaram e se perguntam até hoje: Como consigo ou consegui suportar isso? Muitos não conseguem levar este fardo, mas a maioria, que tem amor à profissão, não se deixa parar, como um mergulho, até o ponto final, como declarada nas palavras de Gabriel Garcia Márques:

“Pois o jornalismo é uma paixão insaciável, que só se pode digerir e torná-lo humano por sua confrontação descarnada com a realidade.

Ninguém que não tenha sofrido pode imaginar essa servidão que se alimenta dos imprevistos da vida.

Ninguém que não a tenha vivido pode conceber, sequer, o que é essa palpitação sobrenatural da notícia, o orgasmo das primícias, a demolição moral do fracasso.

Ninguém que não tenha nascido para isso e esteja disposto a viver só para isso poderá persistir num ofício tão incompreensível e voraz, cuja obra se acaba depois de cada notícia como se fora para sempre, mas que não permite um instante de paz enquanto não se recomeça com mais ardor do que nunca no minuto seguinte”. (apud NOBLAT, 2003, p. 9)

No livro, a discussão gira em torno às dificuldades próprias do jornalismo e a reação de homens e mulheres frente aos dilemas da profissão. Um desabafo do jornalista.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Foram discutidas as temáticas e a forma que o livro seria organizado. Depois, foi estipulado cinco jornalistas para cada membro pesquisasse, sendo que não era obrigatório a utilização de todas histórias. A variedade de fontes apenas permitiria a

¹ ABRAMO, Cláudio. A regra do jogo: o jornalismo e a ética do marceneiro. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.



seleção das melhores. Após as sugestões das fontes, cada integrante opinou sobre a relevância das histórias dos personagens para a discussão abordada no livro.

A etapa seguinte consistiu no aprofundamento de dados e contatos com os jornalistas. Foram realizadas entrevistas tanto de 1 hora quanto outras de 20 minutos. Principalmente com as mais curtas, os integrantes precisaram direcionar bem perguntas referentes ao ‘nó na garganta’ do personagem.

Feitas as entrevistas por um ou dois integrantes do grupo, iniciou-se a produção dos textos. Após revisão, o texto foi diagramado e encaminhado à gráfica para impressão dos livros.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO O livro reportagem foi dividido em sete partes principais e dentro delas, 22 capítulos, um para cada personagem, de acordo com a temática definida, da seguinte forma:

PARTE I – Nó, dor e pranto

- 1 – Profissão de risco – Percival de Souza
- 2 – De coração - Silvio Lancellotti
- 3– Protagonista da história – Regina Echeverria

PARTE II – Testemunhas da história

- 4 – Os 25 de Soufflot – João Batista Natali
- 5 – Preço de uma ideologia – Rodolfo Konder
- 6 – 116 anos – Joaquim Alessi
- 7 – Na Plaza de Mayo – Clovis Rossi

PARTE III – No limite pela notícia

- 8 – Em ritmo alucinado – Sergio Motta Mello
- 9 – Medo do desconhecido – Bruno Paes Manso
- 10 – Loucuras só na juventude - Jorge Tadeu

PARTE IV – Em busca do seu espaço

- 11 – Sem invenção – Paulo Calçade
- 12 – O jornalista sustentável – André Trigueiro



PARTE V – Do outro lado do balcão

- 13 – Conformismo necessário - Carlos Brickmann
- 14 – Acabou o que era belo - Jorge Tarquini
- 15 – Uma escolha – Camila Zanini

PARTE VI – Não vale a pena

- 16 – Começar do zero - Marco Iten
- 17 – Profissão desregrada - Aline Alves
- 18 – Vida Nova – Wagner Lima
- 19 – Amarguras de um editor – Paulo Kiss

PARTE VII – Apesar de tudo, jornalista

- 20 – Tucano de 1973 – José Marqueiz
- 21 – No inferno de Dante - Thais Oyama
- 22 – Cilo x Picerni – Nelson Cilo

O livro-reportagem possui 166 páginas e foi impresso no tamanho 14 x 20,7 cm/ miolo em papel off set 75g – impressão digital P&B, capa em couchê fosco 220g 4x0 / costurado e colado.

O grupo optou por não utilizar fotos, pois algumas histórias retratam situações extremas na vida dos jornalistas, momentos difíceis e marcantes, e a imagem de cada um deles poderia significar uma exposição desnecessária.

Optou-se por uma diagramação simples, sem fotos ou documentos importantes como anexos devido ao custo da impressão do material.

6 CONSIDERAÇÕES

Este trabalho representa o empenho de cada integrante do grupo para resgatar a história daqueles que nos contam a história. O desabafo dos profissionais nos fez compreender mais a fundo o que é ser jornalista. Independentemente da área de atuação, os conflitos aparecem, cedo ou tarde, e há diferentes formas de encará-lo: ou largar tudo e buscar prazer e reconhecimento em outra área, ainda que dentro do jornalismo; ou aceitar que as dificuldades apenas fazem parte de um jogo, a luta e dedicação diária de todo trabalhador.



Muitas vezes, os dilemas profissionais dessas figuras misturam-se aos pessoais, como foi possível constatar na apuração dos fatos e horas de entrevistas registradas em gravadores e blocos de anotações. Neste momento, somos jornalistas conversando com jornalistas, numa conversa franca de quem já compreende alguns destes dilemas, mas de longe muito pouco diante das experiências reunidas no livro.

É apenas um passo para uma importante discussão de avaliar a postura que o jornalista vem assumindo ao longo desses anos do jornalismo brasileiro e o seu papel na sociedade. Para o grupo, foi ainda uma oportunidade de estar com estas personalidades, exercer a reportagem e a construção de diferentes perfis, jovens ou mais experientes, que figuram na mídia e contribuem para a formação de opinião. Uma verdadeira aula de jornalismo.

REFERÊNCIAS

- ABERJE, Instituto. Estudo de Remuneração em comunicação.
Disponível em: http://www.aberje.com.br/novo/acao_pesquisa.asp#,
acesso em 19/08/2007.
- ABRAMO, Cláudio. A regra do jogo: o jornalismo e a ética do
marceneiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- BAHIA, Juarez: Jornal, história e técnica. São Paulo: Editora Ática,
1990.
- BARBOSA, Rui. A imprensa e o dever da verdade. São Paulo:
Com-Arte; Editora da Universidade de São Paulo, 1990, 80 p.
(Clássicos do Jornalismo Brasileiro; 2)
- BRUIN, Daniel. Um novo profissional a caminho. Disponível em:
http://www.aberje.com.br/novo/revista/4_2005/pesquisa.pdf , acesso
em 10/04/2007.
- CALDAS, Álvaro. Deu no jornal. São Paulo: Editora Loyola, 2004.
- CHINEM, Rivaldo. Assessoria de Imprensa: Como fazer. São
Paulo: Summus Editorial, 2003.
- DANTAS, Audalio (org.) Reporteres . 2. ed. São Paulo: SENAC,
1998. 197 p.
- DUARTE, Jorge. Assessoria de Imprensa, o caso brasileiro.
Disponível em: <http://www.comunicacaoempresarial.com.br/>



- artigoassessoriajorgeduarte.htm, acesso em 10/04/2007.
- ECHEVERRIA, Regina. Furacão Elis. São Paulo: Editora Globo, 1994.
- FILHO, Hamilton Almeida, apud ECHEVERRIA, Regina. Furacão Elis. São Paulo: Editora Globo, 1994.
- ITEN, Marco. Site Marco Iten.com: Marketing Político. Disponível em: www.marcoiten.com.br. Acesso em set. 2007.
- JORNALISTA. IN: mini Aurélio. Mini dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001
- KONDER, Rodolfo. Cassados e Caçados. São Paulo: RG Editores, 2007.
- LANCELLOTTI, Silvio. Olimpíada 100 anos : historia completa dos jogos. São Paulo: [s.n.], c1996. 673 p.
- MANSO, Bruno Paes. O Homem X: Uma reportagem sobre a alma do assassino em São Paulo. São Paulo: Editora Record, 2005.
- _____. Os bandidos da chacina. IN: Revista Veja: São Paulo, 1999. p.42. Publicada em 8/9/1999.
- MARQUEIZ, José. Villas Boas e os índios. São Paulo, 1986.
- NATALI, João Batista. Jornalismo Internacional. São Paulo: Contexto, 2004.
- NOBLAT, Ricardo. A arte de fazer um jornal diário. São Paulo: Editora Contexto, 2003.
- ONOFRE, José. Ayrton Senna do Brasil. O mito de um país novo e já envelhecido. IN: Revista ISTOÉ. São Paulo: Editora Três, mai. 1994. 12 p.
- OYAMA, Thaís. O duro exercício do Adeus. IN: Revista Veja: São Paulo, 1999. p.78 Publicação em 06/10/99.
- POCKET, LP&M. Biografia de Silvio Lancellotti. Disponível em: http://www.lpm.com.br/bio_silvio.htm, acesso em 28/08/2007.
- ROSSI, Clóvis. Vale a pena ser jornalista? São Paulo: Editora Moderna, 1986.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do trabalho científico : diretrizes para o trabalho didatico científico na universidade. São Paulo: Cortez & Moraes, 1975. 94 p.



SOUZA, Percival de. A prisao : historias dos homens que vivem no maior presidio do mundo. São Paulo: Alfa-Omega, 1977. 128 p.

_____. Narcoditadura : o caso Tim Lopes, crime organizado e jornalismo investigativo no Brasil. São Paulo: Labortexto Editorial, 2002. 267 p. ISBN 85-87917-10-2.

TRIGUEIRO, Andre. Mundo sustentável : abrindo espaço na mídia para um planeta em transformação. São Paulo: Globo, 2005. 302 p.

_____. Site Mundo Sustentável. Disponível em:
www.mundosustentavel.com.br. Acesso em set. 2007.

TV1. Site da empresa TV1 comunicação e marketing. Disponível em: <http://www.tv1.com.br>, acesso em 10/08/2007.